

O Saber Sensível do *Kujà* sobre Ambiente e Saúde: Um Estudo de Caso da Comunidade Indígena Foxá de Lajeado/RS¹

Fabiane da Silva Prestes ²
Luís Fernando da Silva Laroque ³

RESUMO

O trabalho analisa saberes tradicionais dos *Kaingang* no que tange à saúde e ao ambiente. Decorre de pesquisa de campo realizada entre 2015 e 2017 na Terra Indígena *Foxá*, em Lajeado, Rio Grande do Sul, investigação que se insere nas pesquisas desenvolvidas pelo Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, da Universidade do Vale do Taquari. O problema central da pesquisa parte da presente indagação: O reconhecimento dos saberes tradicionais dos indígenas *Kaingang* atinentes à saúde pode servir de meio de preservação ambiental? Assim, o objetivo do trabalho constituiu em identificar se o reconhecimento dos saberes tradicionais *xamânicos* pode influenciar na preservação do meio ambiente. Em termos metodológicos, adotou-se a pesquisa qualitativa, com perfil exploratório, ancorada em técnicas de pesquisa bibliográfica e análise documental, com o uso da história oral para realização de entrevistas. Por fim, entende-se que a relevância dos *Kujà* e o respeito aos saberes tradicionais, associados à saúde na Terra indígena *Foxá*, pode ser instrumento de descolonização da saúde indígena e preservação ambiental.

Palavras-Chave: Cosmologia; Saúde Indígena; Xamanismo.

¹ O estudo insere-se no Projeto de Pesquisa “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS” e Projeto de Extensão “História e Cultura”, vinculados ao PPG em Ambiente e Desenvolvimento e conta com auxílios financeiro da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES e da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS.

² Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. fabianeprestes@gmail.com

³ Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil. Professor e pesquisador da Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil. lflaroque@univates.br

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

O grupo étnico Kaingang pertencente ao tronco linguístico Jê e compreende, hodiernamente, a maior população tradicional do sul do Brasil, com aproximadamente 38 mil indivíduos, os quais estão distribuídos em territórios centrados nos seguintes estados brasileiros: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No período contemporâneo ao início da conquista europeia, os Kaingang do local onde atualmente denomina-se Rio Grande do Sul, ocupavam o território localizado desde ambas as margens das bacias hidrográficas do Rio Jacuí até as do Rio Uruguai (Laroque 2009).

A denominação Kaingang surge na documentação bibliográfica a partir dos manuscritos de Franz Keller, no ano de 1867 (Mota 2004). Em 1882, o termo é utilizado por Telêmaco Morocines Borba (Becker 1995). Assim, esse coletivo conhecido, igualmente, por outras denominações, ocupava extensões de planalto, sendo considerados prováveis responsáveis pela Tradição Taquara⁴ e por habitarem casas subterrâneas (Wolf 2012). Cumpre destacar que os registros da Tradição Taquara iniciam nos primeiros séculos depois de Cristo e se estende até o século XIX (Dias 2005).

Ademais, destaca-se que Kaingang significa “povo do mato”. Essa concepção segundo Tommasino (2000) é uma autoidentificação como parte da natureza, remete a noção de um meio ambiente determinado enquanto constitutivo de sua identidade. Por essa razão, considera-se que os Kaingang têm uma ligação muito forte com o seu território e com a terra. Sendo que esta representa sua grande mãe, a qual fornece a ele todos os elementos necessários para a vida em harmonia (Tommasino 2000).

Para a sociedade Kaingang, a terra tem muita importância, pois é nela que são desenvolvidas as práticas socioculturais. Atualmente, o espaço concedido a esse povo, em especial, aos indígenas da comunidade Foxá, os quais vivem em contexto urbano, representa um pequeno percentual frente ao que um dia tiveram. Todavia, mesmo com escassa terra, esta continua sendo objeto de propriedade coletiva e não individual, já que a função da terra não é focada na produção de riqueza, e sim um espaço de produção cultural. No que tange ao local onde a Terra Indígena Foxá está localizada, sabe-se que: “para os Kaingang foi fundamental a construção das casas em área onde existe vegetação em seu entorno, pois ali extraem matéria-prima para a produção de seus artesanatos, forma essa de sustentabilidade do grupo” (Oliveira 2010, p.32).

⁴ Atualmente, também é comum o uso do termo Proto-Jê. Dessa forma, cumpre destacar que a tradição Jê/Taquara é reconhecida pelos arqueólogos como uma tradição que retrocede a meados do segundo século da era Cristã. Assim, do ponto de vista arqueológico o termo tradição Taquara identifica sítios arqueológicos que têm cerâmica as seguintes características: pequena, composta de potes e tigelas, impressos de decorações variadas, em que são facilmente perceptíveis negativos de cestaria, depressões regulares produzidas por pontas de vários formatos, ou das unhas, incisões lineares etc. (Schmitz & Becker 2006).

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

Entende-se que as práticas desenvolvidas pelo povo Kaingang são capazes de interconectar os fundamentos da sustentabilidade, tendo em vista que os conhecimentos são repassados de forma intra e intergeracional. Nesse sentido, destaca-se o entendimento dos Kaingang em relação às árvores nativas e exóticas, quando evidenciam a substituição de eucalipto por plantas frutíferas originárias, por exemplo (Diário de campo 20/05/2014). No caso em apreço, se percebe a interação dos conceitos: social, ambiental, territorial, econômico e político.

O território Kaingang é conhecido e classificado nas suas especificidades e a exploração e o uso dos elementos da natureza implica a produção de um conhecimento sobre esse meio. Além disso, é o lugar onde residem os espíritos de seus antepassados. É onde enterram seus mortos e onde os vivos enterram seus umbigos, como forma de delimitar seu território de origem e também fazer com que o recém-nascido “vingue”, ou seja, que cresça com saúde e força (Lappe 2012).

Cumprir destacar que o conceito “Território Indígena”, para estas sociedades, é muito amplo e repleto de significado, já que compreende o território espacial, sociopolítico e cosmológico, o qual irá influenciar na construção cultural e da identidade de um grupo étnico (Seeger & Castro 1979). Nesse contexto, compreende-se que o tradicional território é para o Kaingang um espaço onde suas vidas e seu modo de ser são colocados em prática.

Ainda a respeito desses conhecimentos associados à saúde, destaca-se que o povo Kaingang possui o Kujá, que é a liderança espiritual desta sociedade, sendo, portanto, o médico da comunidade, o qual é responsável por tratar as doenças “da carne” e do “espírito”, por meio de consultas, as enfermidades são identificadas e tratadas, seja com remédios (oriundos da mata: chás, pomadas, ervas medicinais), seja por meio de bênçãos espirituais. O tratamento adequado é específico para cada pessoa, e somente após a consulta é que o Kujà irá adentrar na mata, a fim de coletar as ervas medicinais necessárias para a produção do medicamento (Diário de campo 17/04/2015).

Cumprir consignar que o kujà tem a atribuição de “domesticar” as forças extra-humanas, a fim de proteger e acautelar a comunidade de doenças e enfermidades. Essa função lhe garante respeito e prestígio social. Nesse sentido, o referido líder espiritual é o responsável pela saúde física tanto dos indivíduos quanto da comunidade como um todo. Assim, suas atribuições são concretizadas a partir do natural e do espiritual (de acordo com as necessidades). Ademais, é função do mesmo conduzir o cerimonial responsável pela expulsão dos espíritos para a aldeia dos mortos, denominado como Kikikói, ritual que garante o bem-estar da comunidade em relação às doenças originadas pelo contato com os mortos (Silva 2002).

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

De acordo com Rosa (2005), o *kujã* é o *xamã Kaingang*, o conhecedor que possui o “saber-guiado”, ou seja, ele é orientado por um espírito-auxiliar, *iangré*, na busca pelo medicamento adequado (remédio do mato) ou na busca pela cura, é o *iangré* que protege e possibilita a transição do *kujã* entre este mundo e o *Numbé*,⁵ sendo esta uma peculiaridade deste especialista.

Percebe-se a forte conexão entre o *Kaingang* e a natureza, bem como a forma peculiar de utilizar as fontes disponíveis. Dessa maneira, o problema central da pesquisa parte da presente indagação: O reconhecimento dos saberes tradicionais dos indígenas *Kaingang* atinentes à saúde pode servir de meio de preservação ambiental?

Assim, partindo-se do pressuposto de que a natureza é presente na cultura *Kaingang*, sendo entendida como elemento indissociável da vida *Kaingang*, uma vez que possui valor significativo, pois faz parte da sua cultura, que é passada de geração para geração. O objetivo do trabalho constituiu em identificar se o reconhecimento dos saberes tradicionais *xamânicos* pode influenciar na preservação do meio ambiente.

Cumprе ressaltar que a valorização da natureza é percebida em todos os aspectos do modo de ser do *Kaingang*, tais como na nomação das crianças, nos rituais sagrados como, por exemplo, batismo, casamento, festa do *Kikikói* - cerimonia realizado com a finalidade de enviar os espíritos dos falecidos para a aldeia dos mortos, garantindo, assim, o bem-estar da comunidade, por ficarem a salvo de possíveis doenças originadas pelo contato com os mortos (Veiga 2006).

Para os *Kaingang* a natureza possui espírito, assim como para outros povos indígenas, a água, terra, os animais, as plantas possuem espíritos, com os quais se comunicam. Neste sentido, fica demonstrada a cosmologia, o que Viveiros de Castro (2007, p. 01) classifica como perspectivismo ameríndio: “O conceito central para a caracterização das cosmologias indígenas é o de ‘perspectivismo’, que se refere ao modo como as diferentes espécies de sujeitos (humanos e não-humanos) que povoam o cosmos percebem a si mesmas e às demais espécies.”

Nessa órbita de ideias, destaca-se para este povo a noção de que o mundo é formado por um número indefinido de espécies de seres dotados de consciência e cultura. Isso relaciona-se à ideia de que a forma manifesta de cada espécie é uma imagem que abriga uma forma interna de humanidade, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres, como os *Xamãs*. Nesse norte, o mundo no perspectivismo indígena é composto por uma infinidade de espécies, as quais se

⁵ Os *Kaingang* acreditam que as enfermidades e sua consequência derradeira provêm do mundo que existe depois da morte: o *numbé*, a aldeia dos mortos (Silva 2002, p. 203).

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

enxergam como humanas, sendo, portanto, a humanidade a condição comum entre homens e animais, o que os diferencia é a cultural.

METODOLOGIA

Com base no método de abordagem, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. No que concerne aos objetivos gerais, a pesquisa é de cunho exploratório. E com base em procedimentos técnicos, a pesquisa é classificada como: bibliográfica, documental e pesquisa de campo.

Segundo Minayo (2004), a metodologia compreende, de forma abrangente e concomitante, a discussão epistemológica sobre o caminho do pensamento que o tema ou objeto em estudo requer; bem como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e instrumentos que devem ser utilizados para as buscas relativas ao problema investigado. É relevante também salientar a criatividade do pesquisador, sua marca pessoal na forma de articular a teoria com os métodos e resultados experimentais, observacionais ou qualquer outra resposta aos problemas específicos.

No que tange à população e amostra do estudo, este foi realizado em Terras Indígenas localizadas em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, no Rio Grande do Sul, com ênfase para a Terra Indígena *Foxá*, situada no município de Lajeado, onde realizou-se a pesquisa direcionada para o binômio saúde-doença. Assim, foram coletados dados com os sujeitos que possuem informações relevantes para a compreensão do problema de pesquisa. Foram incluídos na pesquisa os indígenas *Kaingang* que atuam como lideranças, agentes de saúde e os médicos indígenas (*Kujã*). A escolha dos entrevistados foi feita por representatividade, após a anuência e indicação da liderança indígena.

A coleta de dados foi realizada na referida Terra Indígena, por meio da pesquisa de campo e das técnicas de observação, cujas informações foram registradas em diário de campo, e entrevistas. A pesquisa de campo compreendeu a ida até a Terra Indígena em estudo, de modo que estas saídas a campo foram desenvolvidas entre agosto de 2015 e agosto de 2017. Contudo, cumpre destacar o uso de materiais do Acervo dos Projetos de Extensão sobre Kaingang da Univates, os quais foram produzidos em período anterior ao da coleta de dados, mas que servem de base para compreensão do histórico da comunidade em estudo.

Consubstanciado aos referidos métodos, foram adotados, ainda, a etno-história e a história oral. Nesse alinhamento, entende-se que a etno-história representa significativo suporte teórico-metodológico para estudar as sociedades indígenas, já que pressupõe familiaridade entre as informações da memória e os registros escritos nos documentos históricos (Ferreira Neto 1997).

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

Nesse alinhamento, a história oral é norteadada pelos ensinamentos de Vansina (2010) que, ao realizar pesquisas de campo com civilizações africanas, propõe que os povos que se orientam pela tradição oral possam ser pesquisados a partir da metodologia da história oral. Nesse sentido, considera: “Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral” (Vansina 2010, p. 139-140). Vê-se, pois, que a tradição oral representa um testemunho que será transmitido, verbalmente, de forma intergeracional.

Nesse alinhamento, destaca-se que a história oral mostra que as entrevistas forneceram mais que um conjunto de documentos, representaram uma maneira de promover a conscientização histórica e social (Ferreira 2000). Assim, as entrevistas foram realizadas face a face, tratando-se de conversas que serviram de instrumento de coleta de dados. Para a realização das mesmas, foi utilizado gravador de áudio, e posteriormente, foi realizada a transcrição, sendo mantidos os vícios de locução dos entrevistados. Nesse sentido, destaca-se que as entrevistas de história oral foram capazes de transmitir as tradições culturais, já que: “vão surgindo à medida que o entrevistado delas se lembra: histórias, canções, poemas, provérbios, modos de falar, de um grupo, reminiscências sobre antepassados e sobre territórios, informações transmitidas de geração em geração” (Alberti 2004, p. 26).

Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo, na qual foi observado o conjunto de técnicas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin 2006).

Quanto aos critérios éticos, inicialmente foi assinado o Termo de Anuência Prévia (TAP), o qual solicita a autorização da liderança para que os membros da Terra Indígena *Foxá* contribuam com informações para a realização da pesquisa. Neste termo consta que a coleta de dados foi realizada mediante autorização da liderança e demais indígenas que a comunidade desejou. Constou a previsão de que seriam realizadas entrevistas individuais e/ou coletivas, diários de campo e registros fotográficos e fílmicos, restando claramente que as informações contidas nestes instrumentos serão utilizadas apenas para os fins da pesquisa e divulgação científica.

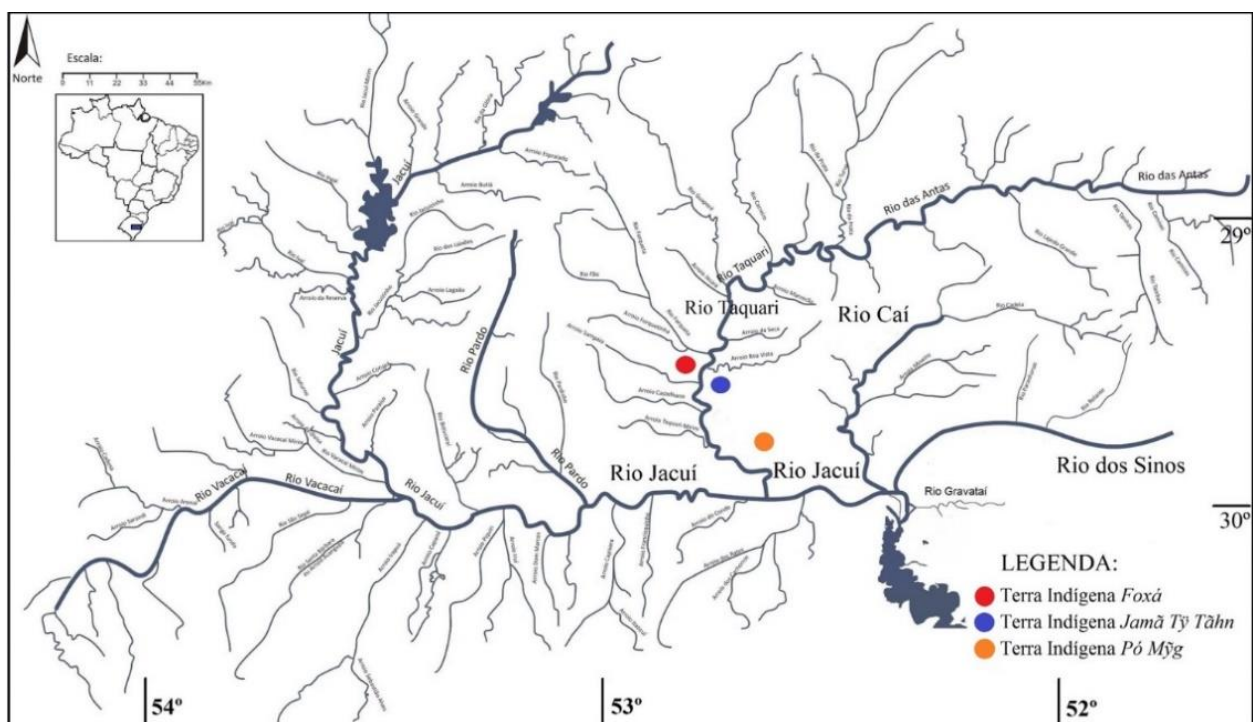
Posteriormente à assinatura do TAP, cada participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), no qual o entrevistado declarou a concordância em participar da pesquisa após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativas da investigação, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento de dados. No TCLE

constou que ficaria assegurado o anonimato do entrevistado, em todos os períodos do desenvolvimento da pesquisa, e posterior publicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme destacado anteriormente, a pesquisa de campo foi desenvolvida na Terra Indígena *Foxá*, localizada na cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul (Figura 01), no período de agosto de 2015 a agosto de 2017. Durante a pesquisa foram realizadas saídas a campo, das quais resultaram diários de campo, registros fotográficos e entrevistas. Salienta-se ainda, que as atividades em campo oportunizaram uma incursão na mata próxima à aldeia, a fim de conhecer as práticas xamânicas realizadas pelo *Kujã*, além de possibilitar a compreensão do modo de ser deste povo, em diversos aspectos, como: saúde, educação, transmissão de conhecimentos e a interações com a natureza. Ademais, durante as referidas atividades foi possível acompanhar as tratativas da comunidade para a realização do Ritual do *Kiki*, previsto para o mês de abril de 2018, o qual de fato ocorreu, juntamente com as programações alusivas às festividades em comemoração ao mês dos Povos Indígenas.

Figura 01. Mapa de localização das Terras Indígenas em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas.



Fonte: Acervo dos Projetos de Extensão “História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia-Hidrográfica Taquari-Antas” e “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” (2017).

Como delineado anteriormente, a proposta do trabalho é identificar as conexões entre o reconhecimento e respeito dos saberes tradicionais xamânicos e a sua preservação. A pesquisa teve

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

início destacando a importância da terra, a qual é entendida como uma mãe. Desse modo, sobre o uso sustentável da terra, uma liderança *Kaingang* da Terra Indígena *Foxá*, na cidade de Lajeado, falou em entrevista o seguinte:

[...] nós índio nós temo certa prática, certo conhecimento da [...] Então nos nunca fomos assim de corta pareio o mato faze campanhas de lavora né já devido a preservação das mata do meio ambiente né pela cultura que nós já plantava. Então a gente já sabia o manejo, já tinha um manejo natural nosso da nossa cultura que nós fazia todos os anos né (Entrevista 15/05/2012 apud Lappe 2012, p.110).

No que tange aos tradicionais conhecimentos indígenas envolvendo a “medicina” *Kaingang*, há informações demonstrando que a mesma costuma ficar ao encargo dos *Kujà*, liderança espiritual preparada para auxiliar nos casos de doenças. Nesse contexto, destaca-se que as práticas tradicionais da saúde *Kaingang* está associada ao viver em um ambiente saudável, entretanto, observa-se que estes saberes costumam ser desprezados pela medicina não indígena.

Nesses moldes, tem-se que:

De forma geral são eles, os kujá, os que transmitem a sabedoria e que fortalecem cada vez mais a cultura, seja em sala de aula ou fora da escola, na mata ou em qualquer contato social. Eles representam a força de vida e preparam os mais jovens para a continuação de sua etnia; por serem considerados a biblioteca viva do seu povo, sabem de onde vieram, onde estão e sabem para onde estão indo (Claudino 2010, p. 32).

Assim, é pertinente evidenciar que estes saberes são transmitidos por meio da oralidade e ocorrem de geração em geração. Nessa órbita de ideias, o relato do *Kujà* da Terra Indígena *Foxá* é esclarecedor ao informar como as práticas foram aprendidas e como permanecem sendo realizadas na atualidade:

Isso a gente já nasce com ela né? Porque a senhora vê nossos antepassados já convivia com isso né? Meu bisavô, o pai do meu bisavô e dali pra traz. Já convivia com isso, então, as mãe da gente já são disso também, os pai, os tio, os avô, e tudo mais, então, na verdade a gente já nasceu no meio disso. Só que também, é, olha, não é tudo as pessoas que os trabalho é para ela, né? É que nem os médico né? Não são todas as pessoas que são os médicos. Então, esses tipos de trabalho faz parte do kujá, que é o mesmo tipo do médico civilizado, né? Ele também lá tem alguns que trabalha em cima disso porque é a profissão dele né? Então, isso aí, que nem hoje nós tamo morando aqui, a comunidade tá sendo atendida pela saúde da civil, né? Mas nessa parte, eu to ajudando muito também porque as vezes tem um remédio que eles pegam na farmácia e não tá fazendo efeito [...] . Aí como eu to fazendo parte da medica kujã da minha vocação indígena, eu já sei que remédio dar, pego a erva aí, o pessoal só me avisa, eu entro nos capozinho para pegar as erva, fazer o chá. Então se o remédio da farmácia que não tá fazendo efeito, eu faço o chá e já controlo a doença também, então a gente tá (Entrevista 2 2016, p. 2).

Se percebe que a função realizada pelo *Kujà* faz parte de um dom, e mesmo que ensinamentos tradicionais sejam perpetuados para todo o grupo, há aqueles especiais que serão repassados de *Kujà* para *Kujà*. No que tange à medicina *Kaingang* atual, se percebe que o crescimento das cidades fez com

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

que os remédios naturais se tornassem escassos, mas que estes ainda são encontrados nas matas, permitindo que estas práticas culturais sejam perpetuadas.

Os *Kaingang* consideram o *kujã* como equivalente do médico ocidental, em termos de sua posição no sistema de medicina tradicional indígena. Arquiteto de teorias sobre o mundo, cientista, protagonista de práticas relacionadas à manipulação e transformação de seres, manifestações e coisas, é o especialista reconhecido pela capacidade de transitar entre distintos domínios do cosmos (Freitas & Rokãg 2007, p. 214).

Para os *Kaingang*, existem as doenças do corpo e as doenças do espírito, de modo que a saúde é um equilíbrio entre corpo e espírito. Ademais, destaca-se a evidência que o *Kaingang* dá à feitiçaria, relacionando esta prática com o comprometimento do espírito da pessoa que foi alvo, o que passa a se manifestar sob forma de doença. As práticas xamânicas são associadas a disputas em relação ao poder (lideranças), ao amor ou à inveja, normalmente são muito fortes e acarretam doenças, mudanças no comportamento, podendo levar à morte (Rocha 2005).

As doenças, e sua consequência última – a morte –, têm por causa básica os vein kuprin ou keinbé (espíritos, almas, dos mortos). O vein kuprin de um parente próximo – pai, esposo, avô – apegar-se, por exemplo, ao filho, ou esposa, ou neto, causando enfermidades ao vivo e podendo, no limite, levá-lo à morte. Se o doente não for tratado a tempo pelo Kuiã e seu iangrê, que vai combater o vein kuprin e levá-lo para o numbê, a morte é certa. Se o Kuiã constatar que o vein kuprin é proveniente do oeste, local onde está situado o numbê, não há cura possível para o doente. Ao contrário, se vier do leste, há possibilidade de cura (Silva 2002, p.203).

Nesse alinhamento, o interlocutor da Terra Indígena *Foxá* comenta sobre as práticas (Figura 02) que o *Kujã* realiza para tratar as doenças espirituais.

Ele já começa a benze, ele sabe a mania ali, do jeito que ele vai baixar aquela doença também, tira do corpo da pessoa, né? Mas é de outro modo, né? Com certeza que eu não sei se os médicos de fora sabem desses problema, mas da parte do Kujã dos Kaingang ele sabe muito bem dessa parte. E ele cura as pessoas que estão doentes, dessas doenças (Entrevista 2 2016, p.4).

Com base neste relato, reitera-se que as práticas de medicina tradicional são utilizadas constantemente pelos *Kaingang*, de modo que tais conhecimentos e técnicas de tratamento não podem ser desprezadas pela sociedade não indígena e, principalmente, pelos profissionais da área da saúde. É da natureza que provem a condição da transmissão dos conhecimentos, para manter a cultura e suas tradições. Para ser um *Kaingang* é mister a interação com a natureza, de forma sustentável e não somente exploratória, é do mato que provem o alimento, o medicamento e a intensificação da cultura, pela intensidade da cosmovisão neste espaço. Por essa razão, o *Kaingang* considera fundamental viver próximo à mata, bem como preocupa-se com a manutenção da diversidade de espécies de árvores

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

nativas, que servem de abrigo para espécies de animais em extinção. Dessa forma, deixa clara a preocupação com a preservação ambiental, e mais do que isso, com os animais (Diário de campo 28/04/2015).

Figura 02. Práticas da Medicina Tradicional Kaingang.



Fonte: Acervo dos Projetos de Extensão “História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia-Hidrográfica Taquari-Antas” e “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” (2017).

Na incursão na mata próxima à aldeia *Foxá*, o líder espiritual adverte que o *Kaingang* não extrai nada além daquilo que precisa. Desse modo, o respeito à natureza é evidente. O *Kujã* mostra ao grupo plantas utilizadas como remédios e/ou saladas típicas (Figura 03). De acordo com ele, antigamente os *Kaingang* extraíam da mata o necessário para sua manutenção, mas atualmente, o avanço das cidades suprimiu estes recursos, contudo ainda é possível tirar alguma coisa para suprir suas necessidades (Diário de Campo 08/02/2017).

Nesse sentido, questionado sobre o desenvolvimento das cidades e a relação com as práticas xamânicas, o *Kujã* esclarece que o progresso

Fez com que se perdesse quase tudo que era principal, pra nós, mas ainda existe nas beiradinhas. Então, eu acredito que ela não pode terminar nunca não. Sempre algum sinal, alguma beiradinha vai ter que existir para nós. Então, nós temo que ensina nossas família sempre para procura ela, que ela nunca se some (Entrevista 2 2016, p. 5).

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

Figura 03. Kujà Kaingang explicando o uso de plantas medicinais.



Fonte: Acervo dos Projetos de Extensão “História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia-Hidrográfica Taquari-Antas” e “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” (2017).

Desse modo, está evidenciado que as práticas culturais são permanentes dentro da comunidade. Apesar do avanço das cidades sobre os tradicionais territórios, estas práticas prosperam ainda que tenham que ser adaptadas em face à escassez dos recursos, anteriormente tão abundantes. Nesse contexto, cumpre destacar que:

A terra pra o índio é aquilo que dá alimento e água, igual a mãe que oferece alimento do seu copo para o seu filho. Enquanto que o branco já pensa diferente. O branco pensa que a terra para ele é um instrumento de gerar riqueza. Por isso, nossa ideia, nessa ótica é que ele não reconhece o seu irmão, o seu semelhante e discrimina cada vez mais aquele que não tem condições de enfrentá-lo, de correr com ele. [...] nós somos fruto desta humanidade que tem muito amor com a natureza e com a terra (Nonnenmacher 2000, p. 79-80).

Para o *Kujà*, além de medicamentos a natureza lhes fornece comida, seja por frutas e verduras ou pela caça de animais. As frutas mais comuns são laranja, jaboticaba, gabiroya, cereja e outros tipos. As saladas são bem típicas e tradicionais, como erva moura, e umas folhas semelhantes às samambaias, as quais ele não soube nos dizer o nome em português, mas que são muito usadas, tanto crua quanto cozida, sendo um bom alimento por ser algo natural e puro, que não tem doença nenhuma. Também fez referência aos cogumelos, os quais são coletados, principalmente, em madeiras apodrecidas, bem como são utilizados como alimento, consumidos assados. Quanto às caças, o *Kujà* refere que, ali,

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

atualmente, há poucos animais, mas existem tatus e pacas, tendo antigamente havido outros, como capivaras, porcos do mato, quatis, que hoje já estão escassos (Diário de Campo 08/02/2017).

A manutenção da tradição é essencial para o *Kaingang* e que, atualmente, muitas coisas mudaram com o crescimento das cidades, mas que nas beiradinhas, ainda é possível encontrar a mata nativa. Ele disse que tudo que aprendeu sobre a mata – seu espírito e seus elementos – lhe foi ensinado pelo seu pai. Que há uma hora certa para retirar cada elemento que é necessário, e que, dependendo deste horário, pode fazer bem ou não ao indivíduo (Diário de campo 08/02/2017).

CONCLUSÕES

Pelo exposto, percebe-se que há uma intensa conexão entre as práticas da medicina *Kaingang* com a preservação ambiental, já que ambas se complementam e são interdependentes. Conforme a investigação, ficou evidenciado que o povo *Kaingang* é detentor de conhecimentos etnobotânicos (dados observados a partir de uma abordagem teórico-metodológica), e que os utiliza no seu cotidiano, nas relações de saúde e de doença. Além disso, a pesquisa ratifica que os *Kaingang* residentes em contextos urbanos mantêm as práticas tradicionais relativas ao modo de ser e viver de seus antepassados. Desse modo, está corroborada a intrínseca relação entre o *Kaingang* e a natureza, razão pela qual o significado “povo do mato”, tradução literal do nome deste grupo, fica confirmado, pois há uma afinidade peculiar entre homem, mata e espírito.

Dessa forma, nota-se que os *Kaingang* além de possuírem uma ligação originária com a terra, têm este elo nas atividades do cotidiano: a partir dela vem o sustento tanto por meio do produto para confecção do artesanato quanto do plantio de pequenas roças e hortas. A partir da terra vem a cura para as doenças, pois juntamente com a mata a terra produz as ervas medicinais necessárias para a produção dos chás e medicamentos.

Nesse passo, o *Kujà* possui um papel peculiar dentro sociedade *Kaingang*, pois possui dons que o diferencia das demais pessoas, ou seja, detém a capacidade de interagir com certos espíritos, tanto os da natureza (ao ouvir e compreender: um galho ringir, o vento soprar, o barulho da água seguindo seu curso) quanto a capacidade de comunicar-se com os espíritos dos mortos. Dessa forma, o contato com esses seres lhe garante uma parcela de poder dentro da comunidade, de modo que o *Kujà* passa a ser visto como uma liderança, cujo respeito dos demais membros da comunidade é indiscutível.

Frente ao exposto, foi demonstrado o modo de ser *Kaingang* na Terra Indígena *Foxá*, com destaque na transmissão dos conhecimentos tradicionais, que ocorre de geração para geração, bem como na valorização dos saberes do *Kujà*, que atua no primeiro atendimento das enfermidades dentro

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

da aldeia. Por derradeiro, se destaca que o *Kujà*, para além de um terapeuta do grupo, representa um elo entre os etnoconhecimentos ancestrais e as práticas atuais.

AGRADECIMENTOS

Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES e da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS pelo auxílio financeiro concedido.

REFERÊNCIAS

Acervo dos Projetos de Extensão “História e Cultura *Kaingang* em territórios da Bacia-Hidrográfica Taquari-Antas” e “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais” 2017.

Alberti V 2004. *Ouvir contar: textos em história oral*. FGV Editora, Rio de Janeiro.

Bardin L 2006. *Análise de conteúdo*. Edições 70, Lisboa.

Becker IIB 1995. *O índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. Ed. Unisinos, São Leopoldo

Claudino Z 2010. Educação escolar indígena: um sonho possível? In J Benvenuti, SV Santos, TBI Marques (Orgs). *Educação indígena em diálogos*. Editora Universitária/UFPEL, Pelotas-RS.

Diário de campo de 08/02/2017. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 08 fev. 2017. 6 p.

Diário de campo de 17/04/2015. Pesquisa de Campo na Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 17 abr. 2015. 4p.

Diário de campo de 20/05/2014. Pesquisa de Campo na Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em Lajeado e Estrela/RS. Univates. 20 mai.2014. 3p.

Diário de campo de 28/04/2015. Pesquisa de Campo na Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 28 abr. 2015. 4p.

Dias AJLZ 2005. A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang. In *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. Documentos 10. Ed. Unisinos, São Leopoldo

Entrevista 2. depoimento [13 dez. 2016, 14 p]. Terra Indígena Foxá, Lajeado/RS. Entrevistadora: Fabiane Prestes. Lajeado (RS): s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em Territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Univates, Lajeado.

Ferreira MM (org.) 2000. *História oral: desafios para o século XXI*. Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro.

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

- Ferreira Neto E 1997. História e etnia. In CF Cardoso, R Vainfas (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Campus, Rio de Janeiro, p.451-473.
- Freitas AEC, Rokàg FS 2007. O kujà e o sistema de medicina tradicional kaingang – “por uma política do respeito”. *Relatório do II Encontro dos Kujà, Terra Indígena Kaingang Morro do Osso*, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. V. IV, nº7/8. Editora da UFPEL, Pelotas, RS.
- Lappe E 2012. *Natureza e Territorialidade: um Estudo Sobre os Kaingang das Terras Indígenas Linha Glória/Estrela, Por Fi Gá/São Leopoldo e Foxá/Lajeado*. Monografia (Licenciatura em História). Centro Universitário Univates, Lajeado.
- Laroque LFS 2009 Os Kaingangues – momentos de historicidades indígenas. In T Golin, N Boeira (coord.). *História – Rio Grande do Sul – Povos Indígenas*, Vol. 5. Méritos, Passo Fundo, p. 81-108.
- Minayo MCS 2004 *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29.ed. Vozes, Petrópolis, RJ.
- Mota LT 2004. A denominação Kaingang na literatura antropológica, histórica e lingüística. In K Tommasino, LT Mota, FS Noelli (Orgs.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Ed. UEL, Londrina, p. 03-16.
- Nonnenmacher MS 2000. *Aldeamentos Kaingang no Rio Grande do Sul: século XIX*. Edipucrs, Porto Alegre.
- Oliveira MD 2010. *Essa terra já era nossa: Um estudo histórico sobre o Grupo Kaingang na cidade de Lajeado*. Monografia (Licenciatura em História). Centro Universitário Univates, Lajeado.
- Rocha CC 2005. *Adoecer e curar: processos da sociabilidade Kaingang*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Rosa RRG 2005. *Os Kujà são “diferentes”: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da terra indígena Votouro*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Seeger A, Viveiros de Castro EB 1979. Terras e territórios indígenas no Brasil. In *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro, p. 101-109.
- Silva SB 2002. Dualismo e cosmologia Kaingang: O Xamã e o domínio da floresta. *Horizontes Antropológicos* 8(18):189-209.
- Tommasino K 2000. Território e Territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In LT Mota, K Tommasino (Orgs.). *Uri e Wãxi – Estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Ed. UEL, Londrina, p. 191-226
- Vansina J 2010. A tradição oral e sua metodologia. In J Ki-Zerbo (ed.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Unesco, Brasília, p. 139-166.
- Veiga J 2006. *Aspectos fundamentais da cultura Kaingang*. Curt Nimuendajú, São Paulo, 254pp.
- Viveiros de Castro E 2007 A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento. *Encontro “Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro”*. Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, Manaus, 22 a 25 de maio de 2007. [Acesso em 13 mai 2017]. Disponível em: http://www.socioambiental.org/banco_imagens/p.dfs/visesdoriobabel.pdf.

Fabiane da Silva Prestes; Luís Fernando da Silva Laroque

Wolf S 2012. *Paisagens e sistemas de assentamento: um estudo sobre a ocupação humana pré-colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS*. Dissertação, Centro Universitário Univates, Lajeado.

Schmitz PI, Becker IB 2006. Os primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterâneas: a Tradição Taquara. In PI Schmitz (Org). *Arqueologia do Rio Grande do Sul/Brasil*. Ed. Unisinos, São Leopoldo, p. 125-148.

Sensitive Knowledge of the *Kujà* on Environment and Health: A Case Study of the Indigenous Community Foxá de Lajeado/RS

ABSTRACT

The paper discusses traditional Kaingang knowledge about health and the environment. It comes from field research conducted between 2015 and 2017 at the Foxá Indigenous Land in Lajeado, Rio Grande do Sul, a research that is part of the research carried out by the Ethnic Identities Research Project in the territories of the Taquari-Antas Basin, at the University of Vale of Taquari. The central problem of research is part of the present inquiry: The recognition of the traditional knowledge of the *Kaingang* natives concerning health can serve as a means of preservation? Thus, the objective of the work is to identify whether recognition of traditional shamanic knowledge can influence the preservation of the environment. In methodological terms, qualitative research is adopted, with an exploratory profile, anchored in bibliographic research techniques and documentary analysis, using oral history to conduct interviews. Finally, it is understood that relevance of the *Kujà* and respect for the traditional knowledge associated with health in the indigenous Foxa Land, can be an instrument of decolonization of indigenous health and environmental preservation.

Keywords: Cosmology; Indigenous Health; Shamanism.

Submissão: 04/03/2018

Aceite: 26/11/2018